

Sonho e desilusão: posições do narrador contra a alienação em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*

Dream and disillusionment: positions of the narrator against alienation in Recordações do escrivão Isaías Caminha

Manoel Freire Rodrigues

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) | Açu | RN | BR
manoelfrr@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0001-5819-0431>

José Lindomar Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) | Açu | RN | BR
lin_dinho1988@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1125-3340>

Resumo: Entre uma vida movida por sonhos e a desilusão pelo fracasso de suas realizações move-se a prosa de Lima Barreto em *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, cujo efeito é um duplo movimento contra a alienação. Desse modo, buscamos compreender como a descoberta de si mesmo e o infrutífero esclarecimento de Isaías contribuem para o desencantamento do mundo. Inicialmente, ficou evidente o inevitável choque entre o alheamento social do narrador-personagem e uma sociedade preconceituosa e excludente, assim, a descoberta de si mesmo é também a descoberta desse Outro. Como desdobramento, o esclarecimento, para um mulato, não lhe garante um lugar entre os privilegiados, ao contrário, ilumina as contradições sociais, aumentando-lhe as dores e os sofrimentos. Finalmente, em um mundo desencantado, percebe que parte da sociedade brasileira é moldada por interesses escusos, relações paternalistas e clientelistas.

Palavras-chave: sonho; desilusão; esclarecimento; desencantamento; alienação.

Abstract: Between a life driven by dreams and disillusionment due to the failure of his achievements, Lima Barreto prose moves in *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, whose effect is a double movement against alienation. In this way, we seek to understand how the discovery of oneself and the fruitless enlightenment of Isaías contribute to the disenchantment of the world. Initially, the inevitable clash between the social alienation of the narrator-character and a prejudiced and excluding society became evident, thus, the discovery of oneself is also the discovery of this Other. As a consequence, enlightenment, for a mulatto, does not guaran-



tee him a place among the privileged, on the contrary, it illuminates social inconsistencies, increasing his pain and suffering. Finally, in a disenchanted world, he perceives that part of Brazilian society is shaped by vested interests, paternalistic and clientelist relationships.

Keywords: dream; disillusionment; clarification; disenchantment; alienation.

1 Introdução

Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* temos o caso curioso de um personagem-escritor que conta sua própria vida como narrador-personagem (procedimento que mais tarde dá forma a *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, através de Paulo Honório). O Isaías-escritor, que registra suas recordações à noite, nas horas vagas, sobre o Isaías-personagem, já adianta ao leitor: “Não é o seu valor literário que me preocupa; é a sua utilidade para o fim que almejo” (Barreto, 2021, p. 73).

A obra de estreia de Lima Barreto tinha uma pretensão clara: “Mandei as *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, um livro desigual, propositalmente malfeito, brutal por vezes, mas sincero sempre. Espero muito nele para escandalizar e desagradar.” Na mesma carta, endereçada a Gonzaga Duque, confessa que também tinha outro romance, o *Gonzaga de Sá*, mas o considerou “um tanto cerebrino, o *Gonzaga de Sá*, muito calmo e solene, pouco acessível, portanto” (Barreto, 1956a, p. 169). De certa forma, *Isaías Caminha* escandalizou e desagradou, posto que atacava a imprensa, as letras e a política republicana, além do preconceito de cor, entre outros aspectos da vida brasileira, colocando-se na contramão da maquiagem do projeto de modernização que ocorria no Rio de Janeiro. Esse foi um dos motivos pelos quais o jovem escritor foi incompreendido e intencionalmente excluído do mundo das letras de seu tempo.

A crítica às contradições que permeavam a sociedade brasileira no início do século XX é apresentada, em *Isaias Caminha* (2021), em três momentos que se complementam: a descoberta de si mesmo, em uma sociedade de classes; a dialética do esclarecimento para um mulato, ao lado das forças sociais dominantes; e, como resultado dessa dupla confluência, o desencantamento do mundo. Para tanto, tem-se um narrador que, tal como em Kafka, “Por meio de choques ele destrói no leitor a tranquilidade contemplativa diante da coisa lida” (Adorno, 2003, p. 61). Esses três passos, interpretados de forma dialética, buscam evidenciar como as posições do narrador, oscilantes entre sonho e desilusão, convertem-se esteticamente em mecanismo contra a alienação.

2 A descoberta de si mesmo

As mediações que guiam o pensamento de Isaías têm como base, inicialmente, sua relação familiar e a consciência da instrução que possui, esta advinda da educação que recebera.

Nada, no início do romance, aponta na direção de uma educação para a vida, um conhecer a si mesmo ou de saber sua posição social em relação à coletividade. Essa constatação é singular, porque “A fantasia poética do narrador consiste precisamente em inventar uma história e uma situação nas quais se expresse ativamente esta ‘essência’ do homem, ou seja, o elemento típico do seu ser social” (Lukács, 2009, p. 205). Tendo em vista que a construção desse narrador-personagem, sob tais designações, é intencional, convém mostrar de que maneira se desfaz a alienação de si mesmo na figura de um pobre mulato no início do século XX.

A alienação aparece pela primeira vez como um problema decisivo sobre a relação do homem com o mundo em Hegel, entretanto, sob o ângulo lógico-filosófico da consciência: “De início, a consciência-de-si é ser-para-si simples, igual a si mesma mediante o excluir de si todo o outro. Para ela, sua essência e objeto absoluto é o Eu; e nessa imediatez ou nesse ser de seu ser-para-si é [um] singular” (Hegel, 1992, p. 128). Ainda que não dê conta de toda a problemática que envolve a construção do narrador-personagem de *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, a concepção hegeliana de um “espírito” que amadurece através da “experiência”, no contato com o Outro, é pertinente para se compreender o estágio inicial do alheamento social de Isaías Caminha:

Acentuaram-se-me tendências; pus-me a colimar glórias extraordinárias, sem lhes avaliar ao certo a significação e a utilidade. Houve na minha alma um tumultuar de desejos, de aspirações indefinidas. Para mim era como se o mundo me estivesse esperando para continuar a evoluir... (Barreto, 2021, p. 18).

O narrador-personagem que se apresenta nesse trecho, cheio de sonhos e aspirações, parece guiado por uma motivação confusa, posto que era incapaz de avaliar as consequências de seus anseios. Esse pensamento ocorre logo após Isaías entrar para o curso primário, quando as ideias surgiam de maneira vaga. O não reconhecimento de si, pelo não reconhecimento desse Outro, faz com que suas decisões sejam guiadas pelo acaso. Nesse sentido, o foco narrativo dará luz a dois episódios que serão fundamentais para a decisão do jovem mulato de ir para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições. O primeiro deles se materializa quando “ouvia uma tentadora sibila falar-me, a toda hora e a todo instante, na minha glória futura” (Barreto, 2021, p. 18). Não há, nessa passagem, qualquer relação com a realidade objetiva com a qual Isaías pudesse antever possíveis efeitos de suas decisões, apenas uma voz de si para si a prometer-lhe um futuro promissor. O segundo episódio é ainda mais elucidativo da capacidade criativa de Lima Barreto, ao conferir a seu personagem uma ingenuidade que poderia sugerir pena, mas que adquire sentido mais profundo como parte da ação que envolve o imaginário social que aprisiona o negro recém-liberto no início do século XX:

Passava por um largo descampado e olhei o céu. Pardas nuvens cinzentas galopavam, e, ao longe, uma pequena mancha mais escura parecia correr engastada nelas. A mancha aproximava-se e, pouco a pouco, via-a subdividir-se, multiplicar-se; por fim, um bando de patos negros passou por sobre a minha cabeça, bifurcado em dois ramos, divergentes de um pato que voara na frente, a formar um V. Era a inicial de “Vai”. Tomei isso como sinal animador, como bom augúrio do meu propósito audacioso (Barreto, 2021, p. 19).

O curioso dessa cena são as contradições entre os sinais apresentados e a interpretação de seus sentidos por Isaías. No imaginário popular, “pardas nuvens cinzentas”, “mancha escura” e “patos negros”, passando sobre a cabeça de um indivíduo, sugerem o presságio de que algo negativo estaria para acontecer, mas Isaías os entende como o prenúncio de algo positivo, simbolizado no “V”, que poderia ser de qualquer outra palavra, mas para ele era a inicial de “Vai”, determinando sua partida para o Rio de Janeiro. Há também um pato que voa sozinho, distante do rebanho, e bem poderia representar o destino do pobre mulato, entretanto foi ignorado na esperançosa interpretação da cena descrita.

O que a linguagem barretiana materializa na ingenuidade dos dois episódios, concretizados por uma esperança no acaso, é o desconhecimento de si mesmo e a incerteza num futuro que se mostrará cada vez mais turvo. Isaías é negro/mulato, pobre e vive com os pais em uma cidade interiorana. Nesse “mundo”, sua consciência ainda não alcança a complexidade que envolve as relações sociais de seu tempo, internalizadas, mais tarde, no romance pelas contradições de um país que acabara de abolir a escravidão, pelo menos formalmente, e proclamar-se como República, menos por vontade em tornar a “coisa pública” que por interesses de uma pequena elite empresarial e militar.

O sonho que motiva a ida de Isaías ao Rio tem como base mudar a sua condição de vida, e para isso deseja ser doutor. Antes de iniciar sua viagem, começa a refletir sobre as vantagens da tal realização: “Quantas prerrogativas, quantos direitos especiais, quantos privilégios esse título dava! Podia ter dois e mais empregos apesar da Constituição; teria direito à prisão especial e não precisava saber nada. Bastava o diploma” (Barreto, 2021, p. 24). O encantamento com o título de doutor, como podemos perceber, não está relacionado, em primeiro lugar, com a possibilidade de adquirir conhecimento e sabedoria, mas com a possibilidade de ser reconhecido e respeitado, apresentar-se com adereços característicos e, finalmente, poder ter direitos especiais, prerrogativas e privilégios. A observação irônica que se faz nesse ponto está presente em outros escritos de Lima Barreto, pois são conhecidas suas críticas ao bacharelismo e pedantismo dos falsos intelectuais considerados socialmente como doutores. Nesse sentido, no suposto alheamento de Isaías ao que representaria para si tornar-se doutor, encontramos uma sátira ao referido título, quando, por exemplo, ao alcançar seu objetivo, conseguiria exprimir as ideias que se contorciam no seu cérebro; ou comportando-se como um “sapo-intanha”, “inflado e grosso”; e, finalmente, poder desrespeitar a Constituição e ter direito à prisão especial. Ironicamente, para alcançar tudo isso não necessitava ter grandes qualidades intelectuais, apenas o diploma (Cf. Freire, 2013).

Em passagens anteriores, identificamos um indivíduo que ainda não está plenamente consciente de sua classe, mas quando está se organizando para deixar sua cidade natal, Isaías encontra sinais em sua mãe que parecem expressar algo suspeito: “Não sei que de raro, excepcional e delicado, e ao mesmo tempo perigoso, ela via em mim, para me deitar aqueles olhares de amor e espanto, de piedade e orgulho” (Barreto, 2021, p. 25). O comportamento de sua genitora, dividida entre sentimentos opostos, é marcado por um simples olhar, mas um olhar enigmático de quem sabe que o filho encontrará uma sociedade que o sentenciará através de um “Decifra-me ou te devoro”, tal qual o antigo mito da esfinge de Tebas, que observava os viajantes que passavam pela cidade impondo-lhes um enigma que poderia determinar o fim de suas vidas ou proporcionar-lhes um recomeço.

A mãe de Isaías não consegue dizer quem ele é e o que ele representa para a sociedade, é incapaz de avisar-lhe diretamente sobre os perigos, sofrimentos e decepções que enfrentaria, porém, seu choro pode ser tomado como resposta:

No dia seguinte, quando me despedi, ela deu-me um forte abraço, afastou-se um pouco e olhou-me longamente, com aquele olhar que me lançava sempre, fosse em que circunstância fosse, onde havia mesclados, terror, pena, admiração e amor. — Vai, meu filho — disse-me ela afinal. — Adeus!... E não te mostres muito, porque nós...

E não acabou. O choro a tomou convulsa e eu me afastei chorando (Barreto, 2021, p. 26).

A última oportunidade de, no seio familiar, encontrar respostas sobre tanta desconfiança e medo em relação a seu destino na capital, apesar da boa formação escolar e de sua aptidão intelectual, é suprimida pelo choro de sua mãe. Apesar de não conseguir alertá-lo sobre suas ingênuas ilusões, a expressão “porque nós...”, tomada pelo pranto, parece querer resgatar o aforismo no templo do Oráculo de Delfos que orienta: “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo”.

O conhecimento de sua condição social tem início durante a viagem para a capital, quando faz uma pausa em uma estação para comer. Tudo que havia de inquietante e indecifrável começará a fazer sentido para o pobre mulato, inclusive o choro de sua mãe durante a partida. O que ela fora incapaz de comunicar, a sociedade o fará sem a menor piedade:

Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: “Oh!”, fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. “Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo?” Ao mesmo tempo ao meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. Curti durante segundos uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos. Não atinei; em vão passei em revista a minha roupa e a minha pessoa... [...] Demais, a emanação da minha pessoa, os desprendimentos da minha alma, deviam ser de mansuetude, de timidez e bondade... Por que seria, então, meu Deus? (Barreto, 2021, p. 27-28).

O episódio com o caixeiro, na estação, mostra que Isaías ainda é estranho a si mesmo, dado que ainda não há estranhamento com o Outro, por isso as descobertas tardias sobre seu Eu. O que começa a se estabelecer, de modo mais claro, é que a descoberta de si mesmo não é apenas o reflexo de sua imagem no espelho, “a consciência-de-si é a reflexão, a partir do ser do mundo sensível e percebido; é essencialmente o retorno a partir do ser-Outro” (Hegel, 1992, p. 120). Nesse caso, um oposto a si mesmo começa a ser percebido, dando início a um novo movimento na consciência.

Quando finalmente se encontra no Rio de Janeiro, Isaías descobre formas mais complexas de identificação entre os indivíduos. Percebe que, em uma sociedade de aparências, quem eu sou depende de como eu me apresento esteticamente. Olhando as vitrines das lojas, fica abismado com peças “frágeis e caras”: botinas, chapéus, linho de roupas brancas e gravatas que pareciam convidar-lhe: “Veste-me, ó idiota! nós somos a civilização, a honestidade, a consideração, a beleza e o saber. Sem nós não há nada disso; nós somos, além de tudo, a majestade

e o domínio!” (Barreto, 2021, p. 45). Em uma cidade que começava a “enfeitar-se”, buscando um ideal de modernização inspirado nos padrões parisienses, os valores sociais e morais passavam pelo filtro do “enfeite” do indivíduo. Não tendo condições financeiras para “enfeitar-se”, e carregando o estigma da cor, mas morando em um hotel em que se hospedavam pessoas abonadas, Isaías é acusado de um suposto roubo que teria ocorrido no estabelecimento:

— Raposo, vou sair: há alguma coisa?

— Nada, capitão Viveiros.

— E o caso do Jenikalé? Já apareceu o tal “mulatinho”?

Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos (Barreto, 2021, p. 66).

O tópico em destaque se refere ao momento em que Isaías foi chamado a depor na delegacia, enquanto esperava atender à humilhante intimação. Sentiu-se ferido ao ouvir o injurioso diminutivo e sua significação. A dor lhe veio quando contrapôs o tal diminutivo e sua valoração a quem, de fato, se considerava: um indivíduo com acesso aos estudos, considerado no colégio, delicado e sensível, inteligente e estudioso e, por isso, superior e digno. Essa avaliação de si mesmo fez com que a designação do capitão Viveiros o ferisse “como uma bofetada”. Desde o episódio no qual Isaías observa peças numa vitrine, a narrativa parece não mais se limitar a uma interpretação da descoberta de si mesmo por uma reflexão lógico-filosófica do espírito, em que o universal leva ao particular. A postura do narrador-personagem, agora, aparece justaposta a relações histórico-sociais de uma realidade contraditória e antagônica, nas quais o particular conduz ao universal, pois:

Somente quando as formas objetificadas assumem tais funções na sociedade, que colocam a essência do homem em oposição ao seu ser, subjugam, deturpam e desfiguram a essência humana pelo ser social, surgem a relação objetivamente social da alienação e, como consequência necessária, todos os sinais subjetivos de alienação interna (Lukács, 2003, p. 27).

Sendo assim, as contradições de uma sociedade de aparências, preconceituosa e elitista começam a fazer sentido no imaginário do mulato interiorano, tanto no caso das vitrines das lojas, quanto no do capitão Viveiros. Mais tarde, o narrador-personagem vai confessar-nos como as incoerências da vida foram identificadas: “Na viagem, vira-as manifestar-se; no Laje da Silva, na delegacia, na atitude do delegado, numa frase meio dita, num olhar, eu sentia que a gente que me cercava, me tinha numa conta inferior” (Barreto, 2021, p. 77). A ação na narrativa conduz o narrador-personagem a perceber que os brancos “viam no liberto o ex-escravo e tentavam tratá-lo como tal” (Fernandes, 2008, p. 89). Desse modo, Isaías reflete que os caminhos se fecham não apenas por conta de sua doçura, sangue covarde, defeitos de caráter e por relegar sua felicidade às mãos de um deputado, mas pela forma como o tratam, julgam e o condenam injustamente.

A conjunção da descoberta de si mesmo, como desalienação interna, e a descoberta de uma sociedade ou classe, a amplitude do ser social, aparece nas confissões da vida pessoal que Isaías faz a Loberant. Seu chefe se surpreende, simplesmente, por saber que seu modesto empregado tinha mãe, nasceu em um ambiente familiar e foi educado. O que para Isaías representava um esforço sobre-humano, para ele, ao contrário, parecia algo natural. Somente

depois de algum tempo percebe que para Loberant, “como para toda a gente mais ou menos letrada do Brasil, os homens e as mulheres do meu nascimento são todos iguais, mais iguais ainda que os cães de suas chácaras” (Barreto, 2021, p. 188). Considerar que os negros são todos iguais, ao ponto de equivalerem aos cães das chácaras dos abonados, faz com que o narrador-personagem não apenas identifique o modo como parte da sociedade o enxerga, mas se manifeste denunciando a condição do negro numa sociedade de classes, mostrando a insuficiência do projeto abolicionista, no qual “a reintegração do sistema de relações raciais ficou entregue a processos sociais espontâneos” (Fernandes, 1972, p. 31).

3 “Dialética do esclarecimento”¹ para um mulato

A busca de Isaías pelo esclarecimento encontra inspiração em seu próprio seio familiar: “A tristeza, a compreensão e a desigualdade de nível mental do meu meio familiar agiram sobre mim de um modo curioso: deram-me anseios de inteligência” (Barreto, 2021, p. 17). Tais anseios não são aguçados por regularidades, mas por assimetrias: “O espetáculo de saber do meu pai, realçado pela ignorância de minha mãe e de outros parentes dela, surgiu aos meus olhos de criança, como um deslumbramento” (Barreto, 2021, p. 17). Notamos que a inspiração de Isaías é seu pai, pois via nele grande capacidade para explicar tudo, amplo domínio de linguagem, fatores que certamente lhe trariam felicidade, riqueza, respeito e consideração. O inquieto mulato acreditava que o saber mudava de algum modo as pessoas, e se sua mãe era triste e humilde era porque não tinha conhecimentos sobre as estrelas e a natureza da chuva, como o seu pai. Dedicado aos estudos: “Quando acabei o curso do Liceu, tinha uma boa reputação de estudante, quatro aprovações plenas, uma distinção e muitas sabatinas ótimas” (Barreto, 2021, p. 18). Até aqui, o narrador-personagem parece querer dizer ao leitor que, após todo esse brilhante percurso escolar, alcançar as suas metas seria uma questão de tempo.

A notícia de que o antigo colega de escola, Felício, se formou em farmácia e recebeu grande reconhecimento na capital, apresenta-se como uma eventualidade que poderia sugerir a Isaías o merecido destaque no Rio de Janeiro. Então pensou consigo mesmo: “O Felício! Tão burro! Tinha vitórias no Rio! Por que não as havia eu de ter também — eu que lhe ensinara, na aula de português, de uma vez para sempre, diferença entre o adjunto atributivo e o adverbial? Por quê!?” (Barreto, 2021, p. 19). Felício só aparece nesse ponto da narrativa e em outro momento quando Isaías encontra outro antigo colega, Agostinho Marques. Assim, sua presença pode passar quase despercebida, mas ele representa, primeiro, uma motivação a mais para o narrador-personagem deixar o interior, pois, se Felício, que era “tão burro”,

¹ O termo “Dialética do esclarecimento”, usado como parte do título dessa seção, foi apresentado originalmente por Adorno e Horkheimer (1985) em sua *Dialética do esclarecimento*. Esses teóricos discutem como o esclarecimento, que deveria servir ao homem, converteu-se em ferramenta de dominação do próprio homem. Ou seja, como a razão iluminista caminhou para uma razão instrumental na modernidade. A analogia que fazemos nesse estudo não possui relação direta com a teoria dos escritores alemães. Pegamos o termo emprestado, mas para mostrar como o esclarecimento do protagonista de *Recordações do escrivão Isaías Caminha* — um jovem letrado, educado, digno e repleto de outras qualidades que o colocam acima da grande maioria com quem se relaciona —, ao invés de proporcionar-lhe uma vida confortável e feliz, transforma-se num pandemônio, através do qual ele alimenta suas dores. De outro modo, esses outros, menos aptos a posições sociais de destaque, conseguem a desmerecida ascensão social.

conseguiu vencer na capital, qualquer um conseguiria, pensa Isaías. O leitor vai lembrar-se de Felício em um segundo momento, quando o “por quê!?” será respondido da forma mais dolorosa, em uma sociedade que seleciona os vencedores de forma muitas vezes duvidosa.

A confiança em si mesmo, em sua capacidade intelectual, faz Isaías prescindir dos conselhos do seu tio Valentin, quando sua tia sugere que ambos tratem do assunto da viagem: “— Ora qual! — fiz eu com enfado. — Para que Valentim? Não sou eu rapaz ilustrado? Não tenho todo o curso de preparatórios? Para que conselhos?” (Barreto, 2021, p. 20). Para alguém que se preparou e recebeu a ilustração necessária, os conselhos lhe pareciam desnecessários. Por outro lado, via na figura da mãe: o corpo debilitado por conta dos trabalhos pesados, a pele com manchas semelhantes a fumaça e no olhar temeroso, um sinal: “Supus que adivinhava os perigos que eu tinha de passar; sofrimentos e dores que a educação e inteligência, qualidades a mais na minha frágil consistência social, haviam de trair fatalmente” (Barreto, 2021, p. 25). Pela primeira vez, o jovem escrívão reconhece que o seu esclarecimento parece ser incompatível com a sua condição de mulato e, ao invés de trazer-lhe benefícios, estava mais propenso a provocar-lhe dissabores.

Após algumas desilusões na capital, em especial o desdém do deputado Castro com sua carta de recomendação, as pessoas nas ruas e a classe trabalhadora mereceram uma observação crítica e angustiada por parte de Isaías:

E ficava assombrado que aquela gente não notasse o meu desespero, não sentisse a minha angústia... “Imbecis!”, pensei eu. Idiotas que vão pela vida sem examinar, vivendo quase por obrigação, acorrentados às suas misérias como galerianos à calceta! Gente miserável que dá sanção aos deputados, que os respeita e prestigia! Por que não lhes examinam as ações, o que fazem e para que servem? Se o fizessem... Ah! se o fizessem! Que surpresa! Riem-se, enquanto do suor, da resignação de vocês, das privações de todos tiram ócios de nababo e uma vida de sultão... (Barreto, 2021, p. 59-60).

O fragmento acima nos faz lembrar do questionamento kantiano: “Se for feita então a pergunta: «vivemos agora em uma época esclarecida [aufgeklärt]»? a resposta será: «não, vivemos em uma época de esclarecimento [«Aufklärung»]” (Kant, 1985, p. 112). Desse modo, a posição esclarecida de Isaías entra em contraste com a postura da população, indiferente aos mandos e desmandos dos deputados que levam uma vida de sultão enquanto zombam do sofrimento da nação. A representação desse ser responsável pelo esclarecimento, um negro/mulato, em uma época notadamente não esclarecida, preconceituosa e excludente, faz com que sua virtude não tenha o espaço necessário para prosperar.

Por conseguinte, o sonho de ser doutor, que impulsiona Isaías a ir para a capital, se torna cada vez mais distante, isso o faz desistir dos estudos e sentir a necessidade de buscar um emprego: “Nas duas primeiras, recuei passado o primeiro ímpeto; na terceira, fi-lo de tal modo, tão transtornado, tão lamuriento e frouxo que fui malsucedido. Vendi os meus livros para apurar algum dinheiro” (Barreto, 2021, p. 83). Não conseguindo o emprego, e tendo suas qualidades ignoradas, ironicamente precisa vender os livros, pois são agora tão inúteis quanto o seu conhecimento em uma sociedade com espaços limitados para alguém de sua condição. Como o dinheiro que havia levado estava acabando, opta por morar em uma “casa de cômodos”, onde as dificuldades são prementes: “Jantava, uns dias; em outros, almoçava unicamente; e houve muitos em que nem uma coisa ou outra fiz. Descobri a Biblioteca Nacional, para onde

muitas vezes fui, cheio de fome, ler Maupassant e Daudet” (Barreto, 2021, p. 84). A fome e a intelectualidade na leitura de autores franceses clássicos revestem o enredo de uma fina ironia. Em qual sociedade um indivíduo com tamanho saber teria seus caminhos fechados? O romance vai dando forma às contradições da sociedade brasileira conforme o leitor vai descobrindo a resposta. Talvez por isso, “o romance do período capitalista pode oferecer um quadro da sociedade na totalidade viva e dinâmica de suas contradições” (Lukács, 2009, p. 207).

Para não morrer de fome, Isaías aceita o emprego de professor e secretário pessoal do advogado Agostinho Marques. Mesmo sendo explorado, sente grande falta quando o advogado viaja para o Norte, pois os sofrimentos e a fome aumentam: “Lá chegava uma ocasião em que alguém, um quase desconhecido, uma fisionomia encontrada momentaneamente, me convidava a jantar; e se não fossem eles, eu talvez tivesse morrido de inanição ou furtado bolos às confeitarias” (Barreto, 2021, p. 95). De educado e instruído a quase morto por inanição, essa foi a reviravolta na vida do pobre mulato.

Uma nova reviravolta ocorre quando Isaías consegue se estabelecer como contínuo no jornal O Globo, a convite do russo Gregoróvitch Rostóloff, jornalista da redação. O esclarecimento se rende ao imediatismo da necessidade: “No começo, custei a conformar-me com a posição de contínuo, mas consolei-me logo, ao lembrar-me dos meus heróis do *Poder da vontade*; e não foi sem desgosto que aceitei as fatiotas daqueles desconhecidos” (Barreto, 2021, p. 115). Isaías se mostra consciente de que o emprego adquirido é um paliativo para a crise que vinha passando, encontra resignação no que, pelo contexto, parece ser a obra do escocês Samuel Smiles. Mesmo assim, sente a distância entre o que se apresentava como possibilidade e seu sonho desmoronado.

Ao se estabelecer como funcionário do O Globo, passa a fazer críticas severas, mas coerentes, a cada um dos membros da repartição: “A vaidade dos desconhecidos da imprensa é imensa! Todos eles se julgam com funções excepcionais, proprietários da arte de escrever, acima de todo o mundo” (Barreto, 2021, p. 139). Estes, não se reconhecem como simples empregados e se consideram cheios de qualidades com suas notícias cheias de chavões e com a ignorância de quem “copia os processos dos romancistas, as frases dos poetas e deturpa os conceitos dos historiadores, imitando-lhes o estilo com uma habilidade simiesca...” (Barreto, 2021, p. 140). Apesar de consciente da atmosfera suja dos jornais, o narrador-personagem estava diante de um dilema: desistir de fazer parte desse ambiente e morrer de fome ou aceitar a submissão e ter certa estabilidade? A resposta parece óbvia.

A obviedade da resposta não exime o sofrido mulato de fazer uma autocrítica: “Lembrava-me de que deixara toda a minha vida ao acaso e que a não pusera ao estudo e ao trabalho com a força de que era capaz”. Mesmo ciente dos motivos que o levaram a isso: “Sentia-me repelente, repelente de fraqueza, de falta de decisão e mais amolecido agora com o álcool e com os prazeres... Sentia-me parasita, adulando o diretor para obter dinheiro...” (Barreto, 2021, p. 198). Ao invés de condenar-lhe, a sua autocrítica é sua defesa. Ele percebe que sua capacidade intelectual é irrelevante para uma sociedade que classifica os indivíduos não por suas qualidades, mas por questões clientelistas e paternalistas, “uma sociedade de classes, [na qual] os mais ricos conseguem maior representação e sufocam quem se contrapõe aos seus interesses” (Kothe, 2004, p. 50). Nesse contexto, portanto, não ser guiado por uma razão instrumental seria a maior qualidade, mas, ironicamente, o maior defeito de Isaías. Caso ele se adequasse ao seu lugar de origem e desconhecesse o intrincado jogo de interesses que rege a sociedade, possivelmente seria feliz, ainda que essa felicidade fosse ilusória. Tudo

isso faz com que seu mundo de sonhos, e a sociedade em geral, se desencante e ganhe contornos tangíveis.

4 O desencantamento do mundo

A capacidade imaginativa de Lima Barreto, através de um suposto escritor que está narrando suas recordações, dá luz a um mundo desencantado. Não, exatamente, no sentido de que: “Desencantar o mundo é destruir o animismo” (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 20), quando os homens, em seu trajeto para a ciência moderna, renunciaram à subjetividade para focar em fórmulas e regras; e sim pelo prisma de uma literatura que busca desencantar o mundo justamente onde o sentido parece estar dissolvido na mecanicidade do cotidiano. Em vista disso, a estética do romance ganha forma pela composição de cenas que representam momentos importantes na formação da sociedade brasileira nos primeiros anos da República. Ao lado dos que glorificavam os ideais de modernidade da *Belle Époque*, surge a crítica de Lima Barreto, com uma postura contrária aos que desejavam maquiagem a realidade inspirados nos modelos europeus (Cf. Sevcenko, 1999).

As recordações, materializadas pelo escritor Isaías, sobre o personagem escrivão, dividem a obra em três momentos que se complementam, ora no tempo do narrador-personagem, ora no tempo do escritor-personagem. Depois de descobrir a si mesmo, em uma sociedade de aparências; de perceber que seu esclarecimento não mudou de forma considerável a sua sorte em uma sociedade de classes, que sentencia o indivíduo através de pré-julgamentos; o mundo de ilusões, encantado, perde a sua “aura” e entra em choque com o mundo do narrador-personagem. Desse modo, “a própria alienação torna-se um meio estético para o romance” (Adorno, 2003, p. 58). Esse procedimento se opõe ao relato, à mera descrição de situações objetivas. Um exemplo representativo ocorre na chegada de Isaías à capital. Por ser de uma cidade interiorana, as imagens que ele tinha do Rio de Janeiro se baseavam na descrição que lhe haviam feito e nas expectativas que alimentaram sua partida:

Quando saltei e me pus em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção. Aquela praça inesperadamente feia, fechada em frente por um edifício sem gosto, ofendeu-me como se levasse uma bofetada. Enganaram-me os que me representavam a cidade bela e majestosa. Nas ruas, havia muito pouca gente e, do bonde em que as ia atravessando, pareciam-me feias, estreitas, lamacentas, marginadas de casas sujas e sem beleza alguma (Barreto, 2021, p. 30).

A discrepância entre a idealização da capital brasileira do início do século XX e sua imagem real causa, à primeira vista, grande decepção, ao ponto de tamanha enganação equivaler a uma bofetada. Às ruas, praças, casas e edifícios feios, mal planejados, junta-se a pouca circulação de pessoas em ruas lamacentas. A observação desses espaços decepcionantes contrasta com a beleza da rua do Ouvidor, “iluminada e transitada”, a rua dos “lentos passeios elegantes”. O que o narrador-personagem destaca, com essa dupla apreciação, é a existência de espaços destinados a públicos específicos, nos quais o aspecto físico adquire configuração social. Logo, as diferenças entre as duas ruas marcam as desigualdades entre as classes sociais em cada caso. Não há um Rio uniforme e acessível a todos. A profundidade da composição é

alcançada não apenas pela necessária descrição objetiva do espaço, mas pela subjetividade no efeito que a disparidade do aspecto visual provoca no narrador-personagem.

Outro caso que provoca uma mudança de perspectiva em Isaías transcorre no âmbito da política. Sabemos que o jovem mulato foi para o Rio de Janeiro confiante numa carta de recomendação que entregaria ao deputado Castro. O local da primeira tentativa de entrega foi a Câmara dos Deputados, mas o objetivo não foi alcançado, pois era proibido falar com um deputado se não tivesse um ingresso. Assim, o personagem resolveu observar os atos dos legisladores sentado no último degrau de uma arquibancada. Inicialmente, a figura dos deputados representava seres extraordinários, quase míticos: “Imaginava-os com uma tresdobrada força de sentidos e inteligência, podendo prever, adivinhar, sentindo antes de expressos os desejos, as necessidades de cada um dos milhões de entes que sofriam e viviam” (Barreto, 2021, p. 39). O responsável por despertar a desconfiança em seres tão especiais foi o deputado Castro. Sua figura estava em desacordo com as capacidades que deveria possuir um membro de sua notável função. Mesmo assim, “Era uma exceção, mas certamente os outros deviam ser quase semideuses, mais que homens” (Barreto, 2021, p. 40). O pobre escrívão custa a desfazer-se da imagem que tinha dos representantes da nação, porém, o início dos trabalhos na casa legislativa o faz notar certas incoerências. Após ouvir o discurso do deputado Carlos Barromeu, que defendia o chefe de polícia de Santa Catarina contra as acusações de um jornalista, e de ouvir o discurso esparso do deputado Jerônimo Fagot, sobre a economia, percebe o desinteresse dos próprios colegas legisladores, cujas preocupações não pareciam ser de interesse da nação:

Parecia que as palavras de Fagot lhe morriam nos lábios: movia a boca e gesticulava como um doido furioso. Os colegas desapregados da sua eloquência dividiam-se em grupos. À esquerda, lá ao longe, quase na minha frente, alguns viam cartões-postais; um outro, sob os meus pés, isolado no burburinho, escrevia febrilmente, erguendo, de quando em quando, a caneta para pensar; uma roda de três, à esquerda e ao fundo, conversava sorrindo; ao fundo, ainda, mas um pouco à direita, um deputado gordo, com o calor que com o correr do dia se fizera forte, esquecido no sono, por detrás de um par de óculos azuis, roncava perceptivelmente (Barreto, 2021, p. 42).

A expressividade exagerada de Fagot e a indiferença dos demais colegas, ocupados com atividades inúteis ou dormindo, é um sintoma da inexistência de um ideal coletivo na condução dos pais. Uma questão aparentemente óbvia, mas transformada, intencionalmente, em surpresa pelo romancista, fez com que Isaías ainda perguntasse, na saída, a um popular: “Que faz essa gente, hoje, aqui?”. “Que fazem”, respondeu-me, “sei lá...” Isto é, explicou-me logo o que fazem sempre: leis” (Barreto, 2021, p. 42). Fazer leis é uma ironia para dizer que não fazem nada de efetivo, além de defender seus próprios interesses e os daqueles sob sua proteção. Sabemos que Lima Barreto tinha certa aversão à política, não ao ser político, mas à “indústria política”: “Não há assunto que mais me repugne do que aquilo que se chama habitualmente política.” Enxergava os políticos como “um ajuntamento de piratas mais ou menos diplomados que exploram a desgraça e a miséria dos humildes” (Barreto, 1956b, p. 33). Essas descobertas e surpresas, que descortinam a vida brasileira, mostram um “impulso” dialético característico do romance de Lima Barreto: a busca pela compreensão da vida exterior torna-se um meio de sublimar o que é substancial, não como expressão superficial, mas

no sentido de fazer emergir “algo assustador e duplamente estranho no contexto do estranhamento cotidiano imposto pelas convenções sociais” (Adorno, 2003, p. 58). Esse movimento produz a desilusão do narrador-personagem com o antigo mundo encantado de sua existência sonhadora.

As forças armadas da República brasileira também merecem uma atenção especial por parte do narrador-personagem, quando avalia a composição de um desfile militar: “na frente os pequenos garotos; depois a música estrugindo a todo o pulmão um dobrado canalha. Logo em seguida o comandante, mal disfarçando o azedume que lhe causava aquela inocente exibição militar. Veio por fim o batalhão.” Soma-se a isso: “Os oficiais muito cheios de si, arrogantes, apurando a sua elegância militar; e os praças bambos, moles e trôpegos arrastando o passo sem amor, sem convicção, indiferentemente, passivamente”, ademais, “tendo as carabinas mortíferas com as baionetas caladas, sobre os ombros, como um instrumento de castigo.” Por fim: “Os oficiais pareceram-me de um país e os praças de outro. Era como se fosse um batalhão de sipaios ou de atiradores senegaleses” (Barreto, 2021, p. 45-46). O falso patriotismo dos militares, no contexto dessa cena, está expresso em alguns detalhes: o dobrado canalha em uma música; o azedume do comandante; o contraste entre a postura exibicionista dos oficiais, frente ao maquinal aspecto dos praças, cuja arma não era um símbolo de defesa, mas um fardo. A assimetria do batalhão faz com que seus integrantes pareçam nativos recrutados para servir a interesses das colônias (alusão aos sipaios). É recorrente, nos escritos de Lima Barreto, a crítica feita ao militarismo que proclamou a República, não por acaso o povo, que deveria ser protagonista no novo regime, “assistira a tudo bestializado, sem compreender o que se passava, julgando ver talvez uma parada militar” (Carvalho, 1987, p. 9). A ridicularização dos militares é uma forma de rebaixar o injusto prestígio dado aos que se juntaram à elite da época para instituir um poder ainda mais centralizador.

A duvidosa isonomia da polícia e da justiça também não passa despercebida nessa “epopeia burguesa”. O caso relatado por Laje da Silva, no capítulo IV, preso supostamente por questões políticas, parece ser uma preparação para o que acontece no capítulo seguinte, quando Isaías também é preso: “Custava-me a crer que, no intervalo de horas, eu pudesse ter os entusiasmos patrióticos do almoço e fosse detido como um reles vagabundo num xadrez degradante. [...] As lágrimas correram-me e eu pensei comigo: A pátria!” (Barreto, 2021, p. 72). O revide aos insultos do capitão Viveiros, ao ser chamado para depor, fez o pobre mulato ser preso. Custava-lhe crer que um jovem estudado e inteligente recebesse de um funcionário do governo tratamento tão infame. A descrença na justiça da honrosa pátria aumenta quando a atitude de seu algoz muda ao saber que ele conhece o doutor Ivã Gregoróvitch Rostóloff. Isaías foi solto a pedido de que nada relatasse ao conhecido jornalista, obviamente por medo da repercussão que o fato causasse no jornal. Fica subentendido na narrativa que, no pré-julgamento de certos casos, o acusado conhecer alguém de prestígio é mais importante para a polícia/justiça que a falta ou inexistência de provas.

O jornal, por outro lado, é o palco principal da crítica de Isaías. Em capítulos anteriores há alguns julgamentos sobre a imprensa, mas é a partir do capítulo VIII que suas análises são mais contundentes, em virtude de seu trabalho no O Globo, depois de ter passado por todo tipo de sofrimento. Se a primeira impressão no jornal era de um espaço que “abrigava a falange sagrada que vinha combatendo pelos fracos e oprimidos” (Barreto, 2021, p. 97), ao se instalar Isaías teve outra percepção: “As conversas da redação tinham-me dado a convicção de que o doutor Loberant era o homem mais poderoso do Brasil; fazia e desfazia ministros,

demitia diretores, julgava juizes e o presidente” (Barreto, 2021, p. 116). O poder do diretor e dono do O Globo era sobre-humano, acima de qualquer autoridade do país. Ninguém estava isento de suas implacáveis opiniões.

Todos temiam ser alvo do poderoso jornal. Ao mesmo tempo, o gabinete de Loberant estava sempre cheio: “Durante o dia e nas primeiras horas da noite, entrava toda a gente, militares, funcionários, professores, médicos, geômetras, filósofos. Uns vinham à cata de elogios, de gabos aos seus talentos e serviços.” Além dos compradores de elogios: “Grandes sábios e ativos parlamentares eu vi escrevendo os seus próprios elogios: O *leader* do governo enviava notas, já redigidas, denunciando os conchavos políticos, as combinações, os jogos de interesses”, por isso: “Foi sempre coisa que me surpreendeu ver que amigos, homens que se abraçavam efusivamente, com as maiores mostras de amigos, vinham ao jornal denunciar-se uns aos outros” (Barreto, 2021, p. 126-127). O jornal cresceu com essa prática desonesta, abrindo espaço para todo tipo de acusação, fundamentada ou não, desde que remunerada ou em troca de favores.

O caso mais expressivo do comportamento desprezível da imprensa se deu quando surgiu o comentário de que o governo obrigaria a população a usar sapatos. O Globo trouxe a informação destacando que tal ato feria a liberdade individual, que era uma prática desonesta e opressora, destinada a enriquecer determinados fabricantes de sapatos. Desse modo, a imprensa inflamou os ânimos da população, resultando em vandalismo, enfrentamentos com a polícia e mortes. A crítica associa esse episódio com a histórica Revolta da Vacina. Interessa-nos perceber que “O diário de Loberant ficou sendo quase a sétima secretaria do Estado. As nomeações saíam de lá e as demissões também.” Por conseguinte, “Bastava um aceno seu para um chefe ser dispensado, e bastava qualquer dos seus empregados abrir a boca para obter os mais rendosos lugares” (Barreto, 2021, p. 175). Um fato histórico brasileiro se ajusta a essa cena: Quintino Bocaiuva foi um dos agraciados pela mudança de regime, em virtude de suas qualidades na imprensa, sua entrada “para o primeiro ministério republicano era mais do que o reconhecimento de seus serviços e de seus méritos pessoais, porque era o reconhecimento da importância que a imprensa tivera no advento do novo regime” (Sodré, 1999, p. 252). Sobre os agraciados da imprensa no novo regime, cabe destacar que “A preocupação fundamental dos jornais, nessa época, é o fato político. Note-se: não é a política, mas o fato político.” Dessa prática, surge o “caráter pessoal que assumem as campanhas; a necessidade de endeusar ou destruir o indivíduo. Tudo se personaliza ou se individualiza. Daí a virulência da linguagem da imprensa política, ou o seu servilismo” (Sodré, 1999, p. 277), conforme o interesse capitalista da imprensa. Por fim, “Todos eles viviam agora calmos, sorridentes, satisfeitos, convencidos de que tinham moralizado a República” (Barreto, 2021, p. 175). A ironia ao final da citação é evidente. Os gestos dos representantes do jornal não moralizaram a República, ao contrário, evidenciaram o que ela tinha de mais frágil e aparente. A influência da imprensa e seu caráter manipulador impressiona ao jovem escritor e, por extensão, ao leitor, que percebe essa prática na atualidade.

Portanto, esse jogo de imagens externas que se materializam no romance, dando-lhe forma, configura o que Adorno chamou de “momento ‘anti-realista’, ‘dimensão metafísica’, num contexto “em que os homens estão apartados uns dos outros e de si mesmos. Na transcendência estética reflete-se o desencantamento do mundo” (Adorno, 2003, p. 58). Desse modo, é a partir da realidade e contra a realidade que se realiza a prosa de Lima Barreto,

quando a impossibilidade de realização dos sonhos de Isaias, pelos motivos já expressos, converte-se em desilusão.

5 Considerações finais

A realidade histórica e social que marca o contexto brasileiro no início do século XX – com a formalização da abolição da escravidão, a mudança do regime imperial para o republicano e a implementação de um projeto de modernização inspirado nos moldes europeus (especificamente na cidade do Rio de Janeiro) – pode parecer, à primeira vista, um conto de fadas que sempre acaba com um final feliz. O que fez Lima Barreto, rebelando-se contra a literatura “sorriso da sociedade” de seu tempo e, por isso, inovando em forma e conteúdo, foi mostrar que todos esses momentos da realidade brasileira possuem profundas contradições.

Em *Recordações do escrivo Isaias Caminha* essa problemática ganha forma através de três momentos importantes. O primeiro quando Isaias, narrador-personagem, liberta-se de seu estágio de alheamento social e se descobre inserido numa sociedade extremamente preconceituosa, que o trata de modo diferente unicamente por ser mulato (a descoberta de si mesmo é, ao mesmo tempo, a descoberta do Outro). O segundo quando, apesar da educação e inteligência que possui, nota que suas qualidades seriam louváveis em qualquer indivíduo, exceto para alguém de sua cor e condição social. Assim, ao invés de conseguir alguma ascensão social, seu esclarecimento elucida ainda mais as incoerências, aprofundando-lhe as dores e os sofrimentos. Por último, seu mundo de sonhos resulta em desilusão. Em um mundo desencantado, percebe que parte da sociedade brasileira é moldada por interesses escusos, relações paternalistas e clientelistas.

Como resultado, percebemos que *Recordações do escrivo Isaias Caminha* está “acima da controvérsia entre arte engajada e arte pela arte, acima da alternativa entre a vulgaridade da arte tendenciosa e a vulgaridade da arte desfrutável” (Adorno, 2003, p. 63). Esse efeito foi alcançado através de um escritor que soube, como sugere Candido (2006), conferir aos fatores “externos” papel fundamental na estrutura “interna” da obra.

Referências

ADORNO, T. W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; ed. 34, 2003. p. 55-63.

BARBOSA, F. A. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

BARRETO, L. *Correspondência ativa e passiva*. Tomo I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956a.

BARRETO, L. *Marginália: artigos e crônicas*. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956b.

BARRETO, L. *Recordações do escrivo Isaias Caminha*. In: *Obra reunida*, vol. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021. p. 15-200.

CANDIDO, A. Crítica e sociologia. In: *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006. p. 13-25.

- CARVALHO, J. M. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes*. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008.
- FERNANDES, F. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- FREIRE, M. *Revolta e melancolia: uma leitura da obra de Lima Barreto*. São Paulo: Annablume, 2013.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Parte I. Trad. Paulo Meneses; apres. Henrique Vaz. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- KANT, I. Resposta à pergunta: o que é “esclarecimento” («Aufklärung»). In: *Textos seletos*. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. p. 100-117.
- KOTHE, F. R. *O Cânone Republicano II*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.
- LUKÁCS, G. O romance como epopeia burguesa. In: *Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967*. Org., apres. e trad. de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. p. 193-244.
- LUKÁCS, G. Prefácio (1967). In: *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.1-50.
- SEVCENKO, N. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- SODRÉ, N. W. A grande imprensa. In: *História da Imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 251-390.